

## PASSATEMPO “HISTÓRIAS DE VIAGENS”



Viagens inesquecíveis tive felizmente muitas, Estados Unidos, Brasil, Argentina, norte da Europa, sei lá quantas. As mais gratificantes foram naturalmente aquelas que fiz com o Grupo Desportivo. Pelas pessoas, pela organização e pela sensação de segurança. Obrigado.

Tudo o que se aperceberam os meus sentidos, o que vi, o que senti, o que me emocionei não consigo transmitir fiel e profundamente aos outros.

O que me ficou é das maiores riquezas que conservo prazenteiramente.

Por exemplo, a primeira viagem aos Estados Unidos nos finais do século passado foi maravilhosa. Embora já viéssemos da fantástica Las Vegas e mais umas quantas outras visitas, a sensação indescritível da primeira visão de Nova York ao chegarmos de autocarro vindos das Cataratas e admirar ao longe a silhueta da cidade ainda com as Torres Gémeas e todos aqueles imensos outros arranha-céus e a gradual aproximação não posso jamais esquecer.

Passado o túnel e sentir aquele frenesim do trânsito, inesquecível! Logo que chegados ao Hotel, e foi mesmo só pousar as malas, o primeiro passeio que demos pelas Avenidas de Manhattan de pescoço esticado a tentar olhar para aqueles icónicos edifícios, o andar por aqueles locais e sentir o constante ruído de fundo a lembrar tantas filmes da minha juventude, são gratificações que nunca mais se olvidam.

Dou por abençoado todo o tempo que já dediquei a viagens e provavelmente este é o local onde mais me apetece sempre voltar. Já o fiz umas quantas vezes. Ainda em 2016. Espero que não tenha sido a última.

Numa outra perspectiva, mais humana, as viagens e o convívio facilitaram grandes e profundas amizades que ainda cultivo.

Feita esta introdução a título mais pessoal e genérica, vamos então às histórias.

Uma viagem a Espanha, Maiorca, com Agentes da Companhia.

Numa manhã de Domingo fomos até ao Centro. Éramos um grupo de 6 ou 7 pessoas e sentámo-nos numa esplanada para tomar qualquer coisa.

No grupo, lembro a presença dum Agente já bem entrado nos anos, um velhote simpático, no melhor sentido do termo, sempre bem-disposto e que sabia receber-nos na sua terra minhota. Infelizmente já desaparecido.

Corria tudo bem, fazíamos horas para o almoço e púnhamos a conversa em dia.

O engraçado veio com os pedidos. Café, águas, uma ou outra cerveja, tudo sem dificuldade de maior e bem percebido.

Até que o nosso amigo resolve fazer o seu pedido. Um “panaché”.

O camareiro: Hem, o quê?

Um “panaché”. Um “pa...na...ché”.

E o empregado: como disse?

E aí o nosso compatriota, já chateado, repetia, em pseudo diferentes idiomas. “pa...na...ché”, “pa...na...ché”.

O idioma *mudava* conforme a entoação nas sílabas e pelo arrastar da palavra.

Alguém, já não sei quem, resolve intervir e lá explica que era tão somente uma cerveja com gasosa.

Ham!! Percebido e lá postou o nome da coisa em castelhano.

Claro que estávamos todos com uma grande vontade de rir mas mantivemos a compostura adequada.

Uma outra situação caricata aconteceu-me no Brasil, Fortaleza, em concreto.

Na altura ainda no século passado, os cartões Multibanco eram a novidade que nos permitiam “cambiar” dinheiro sem necessidade de ir ao Banco ou a Casa de Câmbios.

Ora durante uma pausa na viagem resolvi sair e procurar uma Caixa ATM. No Brasil estas Caixas são autênticos “bunkers”. Fui a uma, tentei meter o cartão e este não entrava totalmente. Fui a outra e a mesma coisa. Já não recordo se ainda tentei mais, mas nesta última e perante a mesma cena saí e entrou um fulano que estava à espera. Só que ainda a porta não estava totalmente fechada, lembrei-me: vou perguntar a este tipo se existe alguma anomalia ou incompatibilidade. Pode ser que saiba!

Assim, segurei a porta e só disse para dentro: Oh! Amigo!!

Bom o homem vira-se para a porta, braços no ar, a tremer todo e só balbuciava; Hem! Hem!

E eu: calma!, calma!!, era só uma informação.

Estou convicto que foi por pouco que não fiquei com uma tragédia para recordar.

Já não obtive a informação pretendida e de volta ao Hotel lá me desenrasquei. Afinal era mesmo assim, no Brasil os cartões não entram para dentro da máquina. Basta introduzir na ranhura, rapidamente, cerca de metade, guardá-lo e a operação desenrola-se muito mais célere.

Esta informação tornou-me na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, no “meu salvador” dum n/collega, secretaria da Administração que estava com o mesmo problema de falta de dinheiro e durante o resto da viagem assim me crismou.

Em outra viagem com Agentes, também no Brasil. Uma recordação desagradável.

Não é que um Senhor Agente, embirrava com o vinho e arrogante, mal criado e sistematicamente, pretendia beber vinho verde da sua terra. Enfim!

Viajar torna-nos mais cultos, cosmopolitas e marca-nos p´ra vida.

**Texto de José Carneiro**